

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
LICENCIATURA

ALLICY HELENA CECÍLIA DE SOUZA
JEFERSON NASCIMENTO BARBOSA
THIFFANY KELLY LAGOS DOS SANTOS

**AS DIFICULDADES DOS PROFESSORES DE
EDUCAÇÃO FÍSICA NA ABORDAGEM DA TEMÁTICA
SEXUALIDADE E GÊNERO NO CONTEXTO
ESCOLAR**

RECIFE/2021

ALLICY HELENA CECÍLIA DE SOUZA
JEFERSON NASCIMENTO BARBOSA
THIFFANY KELLY LAGOS DOS SANTOS

**AS DIFICULDADES DOS PROFESSORES DE
EDUCAÇÃO FÍSICA NA ABORDAGEM DA TEMÁTICA
SEXUALIDADE E GÊNERO NO CONTEXTO
ESCOLAR**

Artigo apresentado ao Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Licenciatura em Educação Física.
Professor Orientador: Ma. Isabela Talita Gonçalves de Lima.

S729d

Souza, Allicy Helena Cecília de

As dificuldades dos professores de educação física na abordagem da temática sexualidade e gênero no contexto escolar. Allicy Helena Cecília de Souza, Jeferson Nascimento Barbosa, Thiffany Kelly Lagos dos Santos. - Recife: O Autor, 2021.

18 p.

Orientador: Me. Isabela Talita Gonçalves de Lima.

Trabalho De Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário Brasileiro – Unibra. Bacharelado em Educação Física, 2021.

1. Educação física. 2. Escola. 3. Gênero e Sexualidade. I. Centro Universitário Brasileiro. - Unibra. II. Título.

CDU: 796

*Dedicamos este trabalho aos nossos pais;
Aos nossos professores que foram fundamentais na nossa formação,
Aos nossos amigos;
E a todos os envolvidos.*

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus pela vida que ele nos concedeu, e por nos ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso;

Aos nossos pais e familiares, que nos incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a nossa ausência enquanto nos dedicávamos à realização deste trabalho.

Aos nossos orientadores por todos os ensinamentos, dedicação e paciência;

E aos nossos professores, pelas correções que nos permitiram apresentar um melhor desempenho no nosso processo de formação profissional.

*“Mas as coisas mudam.
As pessoas mudam.
A mudança é uma das leis inevitáveis da
natureza, cobrando tributos sobre a vida.”
(Nicholas Sparks)*

Resumo: Quando falamos sobre sexualidade e gênero, o assunto gera bastante conflito na sociedade. No que se refere à Educação Física, o entendimento do corpo estava estigmatizado diretamente em relação aos pressupostos biológicos de cada indivíduo. Diante disso, reconhecendo os preconceitos existentes, e buscando soluções para que os alunos possam vivenciar diferentes experiências, o presente artigo tem como principal objetivo investigar quais são as dificuldades existentes dos professores de educação física com o trato na abordagem sobre gênero e sexualidade na educação física escolar. Identificamos que a maioria dos professores (as) tem uma visão bastante limitada em relação a compreensão do tema, resumindo-o apenas ao sexo genital, anatomia e reprodução. Portanto, acreditamos que é necessário examinar essas práticas de (hetero)normalização do gênero e da sexualidade nas aulas de Educação Física escolar, para que possa auxiliar na desconstrução de estereótipos ou práticas que favoreçam a segregação de meninos e meninas, ocasionando desigualdades de gênero e sexualidades. O estudo aqui apresentado se caracteriza como uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica, e seus dados foram coletados através das plataformas de artigos e revistas científicas.

Palavras-chave: Educação Física; Escola; Gênero; Sexualidade.

Abstract: When we talk about sexuality and gender, the issue generates a lot of conflict in society. With regard to Physical Education, the understanding of the body was directly stigmatized in relation to the biological assumptions of each individual. Given this, recognizing existing prejudices, and seeking solutions for students to experience different experiences, this article aims to investigate what are the existing difficulties of physical education teachers in dealing with the approach to gender and sexuality in physical education school. We found that most teachers have a very limited view in relation to the understanding of the topic, summarizing it only to genital sex, anatomy and reproduction. Therefore, we believe that it is necessary to examine these (hetero)normalization practices of gender and sexuality in Physical Education classes in schools, so that they can help deconstruct stereotypes or practices that favor the

segregation of boys and girls, causing gender inequalities and sexualities. The study presented here is characterized as a research with a qualitative approach, of the bibliographic type, and its data were collected through the platforms of articles and scientific journals.

Keywords: Physical Education; School; Gender; Sexuality

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
2.1 Educação Física Escolar.....	10
2.2 Sexualidade e gênero na escola.....	11
3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO.....	12
4 RESULTADOS.....	12
4.1 Desigualdade de gênero e sexualidade.....	12
4.2 Professores de Educação Física x Sexualidade e Gênero.....	13
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	16
6 REFERÊNCIAS.....	17

AS DIFICULDADES DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ABORDAGEM DA TEMÁTICA SEXUALIDADE E GÊNERO NO CONTEXTO ESCOLAR

Allicy Helena Cecília de Souza

Jeferson Nascimento Barbosa

Thiffany Kelly Lagos dos Santos

Isabela Talita Gonçalves de Lima¹

1 INTRODUÇÃO

Quando se fala sobre gênero, muitas pessoas associam logo com a questão biológica entre o sexo feminino e o masculino. No entanto, o gênero está ligado a uma questão sociocultural; a tudo aquilo que foi definido e imposto como função e comportamento esperado de alguém de acordo com o sexo biológico. (GUEDES,1995).

Segundo Firmino (2017), o gênero é muito confundido como identidade de gênero. Enquanto o gênero vem de uma construção social, a identidade de gênero está diretamente relacionada a como o indivíduo se identifica, como ele se vê como pessoa e de como se expressa, podendo ou não condizer com o sexo atribuído ao nascer.

Assim, o gênero se refere a toda uma construção social que foi implantada ao longo dos anos, e que é entendida como o papel e atribuições a um ser de acordo com suas características sexuais biológicas. Desse modo, por ser uma leitura social, o gênero é mutável (GUEDES,1995).

Diferente do gênero à sexualidade ou condição sexual, segundo Camargo e Neto (2017) é o direcionamento do seu desejo sexual; é a energia que os motiva

¹. É doutoranda e mestra em Educação Física pelo no Programa Associado de Pós-Graduação em Educação física UPE/UFPB. Graduada em Licenciatura em Educação Física pela Universidade de Pernambuco. É membro do Grupo ETHNÓS - Estudos Etnográficos em Educação Física e Esporte e do Núcleo Interdisciplinar de Estudos do Lazer (NIEL - DEF/UFPE). Atualmente atua nas linhas de pesquisas: Formação de professores, Educação Física Escolar, Prática Pedagógica, Produção do Conhecimento e Cultura Afro-Brasileira vislumbrando fomentar as discussões no âmbito educacional afim de contribuir para a prática pedagógica da Educação Física. Também é sócia do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte - CBCE.

para encontrar o amor ou a intimidade. Portanto, a sexualidade carrega uma grande influência nas ações, nos sentimentos e pensamentos das pessoas, dessa maneira, a sexualidade influencia na saúde mental e física dos seres.

Ao falar-se sobre sexualidade e gênero, o assunto gera bastante conflito na sociedade, e conseqüentemente, nos adolescentes que têm um maior teor de complexidade. Por essa razão, a educação sexual formal é abordada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), porém de uma forma bem restrita.

Como forma de garantia para construção de uma formação básica comum nas escolas de todo o país, o governo brasileiro criou políticas que estabeleceram a criação de currículos e conteúdos mínimos relacionados às questões sobre a sexualidade, para que pudessem ser trabalhadas dentro da educação infantil, ensino fundamental e médio, auxiliando no combate à violência e a discriminação, a partir da Lei de diretrizes e Bases da educação Nacional (LDB), advindas dos PCNs de 1998. (PALMA et al., 2015).

No que se refere à Educação Física, o entendimento do corpo estava estigmatizado diretamente em relação aos pressupostos biológicos de cada indivíduo, influenciando assim totalmente na produção de conhecimento da área. Porém, com o decorrer do tempo, por volta dos anos de 1980, essas abordagens biológicas passaram a ser então questionadas. Assim, se deu início e abriram-se espaço para o reconhecimento das influências socioculturais sobre as representações, construções e significações dos sujeitos no que se refere às práticas e atividades corporais (PRADO; RIBEIRO, 2010).

Dentre as demais disciplinas curriculares escolares, a educação física é constantemente incitada a problematizar os conhecimentos sobre a constituição física e estética corporal, as representações e dúvidas de educandos e educandas sobre sexualidade, as adequações sexo-gênero dentro do contexto das atividades corporais, pelo fato de permitir uma “aparente” liberdade aos corpos (GOELLNER; FIGUEIRA; JAEGER, 2008).

Em muitos casos quando uma aparente diferença surge como motivo de divergência entre o grupo durante as aulas de educação física na escola, muitos professores da disciplina acabam deixando de problematizar a dimensão cultural do comportamento e a atuação dos discursos sociais para continuarem padronizando as vivências e experiências humanas. Nesse sentido, ele acaba reforçando as normas, valores e atitudes em relação a como os corpos devem se apresentar na

sociedade, configurando e legitimando as representações socialmente esperadas tanto para meninos quanto para meninas.

Para a menina que luta para entrar numa partida de futebol ou para o menino que se arrisca dar alguns passos na dança em algum canto da escola acabam virando alvo de comentários críticos, normalizadores e estigmatizantes por não estarem dentro das atividades que se enquadram ao seu gênero. Caberia ao professor estabelecer um diálogo a partir desse conflito, auxiliando a reflexão dos alunos sobre as múltiplas representações e comportamentos de homens e mulheres na sociedade e desestabilizando as normatizações de gênero (PRADO; RIBEIRO, 2010).

Diante disso, reconhecendo os preconceitos existentes, e buscando soluções para que os alunos possam vivenciar diferentes experiências, o presente artigo tem como principal objetivo investigar quais são as dificuldades existentes dos professores de educação física com o trato na abordagem gênero e sexualidade na educação física escolar.

Justificando que reconhecemos a escola e os professores como intermediadores fundamentais dos saberes sociais, responsáveis pela transmissão e transformação dos saberes historicamente produzidos para a formação dos cidadãos. Por esta razão, faz-se necessário o entendimento da abordagem sobre as questões de gênero e sexualidade na escola, principalmente nas aulas de educação física. Pois, através dessa abordagem é possível contribuir numa nova configuração que supere os estereótipos e preconceitos existentes, possibilitando os alunos vivenciarem diferentes experiências, em diversas atividades, e com diferentes pessoas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Educação Física Escolar

A Educação Física é um componente curricular da Educação Básica Nacional, ou seja, deveria estar presente em todos os níveis de ensino da educação básica, desde a Educação Infantil até o final do ensino médio, em todas as escolas brasileiras e em todos os turnos. No entanto, historicamente a Educação Física no

âmbito escolar ocupa uma posição de deslegitimidade na hierarquia dos saberes escolares. Mesmo que a nova LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira preze pela valorização de determinados componentes em detrimento de outros são inúmeras as instituições de ensino que, deliberadamente, suprimem aulas, excluem as aulas, muito especialmente no ensino médio e, sobretudo no período noturno (PRADO, 2015).

Muitas pessoas associam a Educação Física Escolar apenas a uma disciplina de lazer e feita para brincar, porém ela veio para somar e contribuir com as demais disciplinas da grade curricular da educação básica. Tendo como responsabilidade instruir e instigar o aluno a opinar e se posicionar criticamente em relação às atuais linhas de cultura corporal de movimento. Porém, A desvalorização desse componente curricular, assim como o de Artes ou de Filosofia, passa pela compreensão equivocada sobre a finalidade, conteúdo e abrangência que boa parte da sociedade ainda apresenta em relação ao processo de formação escolar (BETTI; ZULIANE, 2002)

Portanto para que esses saberes sejam devidamente cumpridos em todas as escolas temos a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é um documento normativo que determina as competências (gerais e específicas), as habilidades e as aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver durante cada etapa da educação básica. Além de tudo a BNCC determina que essas competências, habilidades e conteúdos devem ser os mesmos, independentemente de onde as crianças, os adolescentes e os jovens moram ou estudam. Portanto os conteúdos jogos, esportes, ginástica, dança, lutas e práticas corporais de aventura sigam essa ordem de ensino e aprendizagem em todos os anos do fundamental I até o ensino médio (BRASIL, 2018).

Para assegurar os direitos de aprendizagem dos estudantes da Educação Básica, a Base Nacional Comum Curricular foi estruturada em 10 competências. Competência é a mobilização de conhecimentos, habilidades atitudes e valores para resolver questões do cotidiano, do mundo do trabalho é para exercer a cidadania (BRASIL,2018).

Porém, mesmo os professores da educação física escolar, tendo um plano pedagógico direcionado para as aulas na instituição foi observado que muitos alunos não demonstram interesse em participar das atividades propostas pelos profissionais, a área da Educação Física Escolar, tem sido caracterizada como a

área que mais enfrenta conflitos e desafios diante de uma sociedade em constante mudança, pois muitos dos próprios professores quando esperam meninas para sua sala de aula as idealizam como meigas e frágeis, já no caso dos meninos, os bagunceiros e briguentos, essas características são generalizadas e aplicadas aos alunos desde a educação infantil (LINS; MACHADO ; ESCOURA, 2016).

2.2. Sexualidade e gênero na escola

O conceito de gênero surgiu advindo da revolução feminista na década de 1970, onde as mulheres buscaram formalizar as suas indignações, omissões e submissões históricas nos mais variados setores da sociedade. No entanto, nessa época, circulavam algumas correntes teóricas que sustentavam as diferenças biológicas visíveis entre homens e mulheres, resultando numa explicação aceitável para as divisões de papéis e atribuições de tarefas sociais diferenciadas a esses sujeitos (PRADO; RIBEIRO, 2010).

Fundamentada nesses ideais, as aulas de educação física escolar, segundo Dornelles e Fraga (2009), eram separadas por momentos distintos entre meninos e meninas, contendo também, objetivos sociais diferenciados para esses sujeitos, definidos pelas “proposições absolutamente naturalizadas” entre o que é ser do homem e do que é ser da mulher.

Segundo Correia et al. (2016), os problemas relacionados com gênero e sexualidade são bastante frequentes nas escolas. E, isso tem demonstrado que a produção acadêmica em Educação Física não tenha gerado respostas para essas questões que os professores enfrentam na escola.

Neste contexto, há uma reflexão sobre a qualidade da formação dos professores de Educação Física em relação às discussões sobre gênero e sexualidade. Pois, para tal se faz necessária uma formação mais sensível e crítica por parte desses profissionais no sentido de enfrentar as questões relativas à sexualidade e gênero (CORREIA et al., 2016).

3. DELINEAMENTO METODOLÓGICO

O estudo aqui apresentado se caracteriza como uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica. Pesquisa bibliográfica é a revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico (PIAZANNI, 2012).

Os dados dessa pesquisa foram coletados através das plataformas de buscas de artigos e revistas científicas da Scielo e Periódicos Capes. As buscas foram feitas através das seguintes palavras chaves: Sexualidade, Gênero, Escola, Educação Física.

Foram encontrados um total de 1.083 artigos, porém foram usados critérios de inclusão e exclusão para a seleção dos artigos presentes nesse estudo. Os critérios de inclusão foram de estudos escritos em língua portuguesa, artigos datados entre 1995 à 2021 escolhido pelo fato das discussões sobre sexualidade e gênero tomaram mais significância e destaque e que tiveram relevância e fundamentos teóricos para este estudo, levando em consideração os temas abordados de acordo com as exposições feitas através dos resumos.

4 RESULTADOS

4.1 Desigualdade de gênero e sexualidade.

Os primeiros estudos que tiveram como foco as questões sobre a sexualidade e gênero, especificamente os estereótipos e papéis sexuais, e a distribuição dos alunos nas aulas de educação física mista e separadas por sexo, começam a aparecer por volta das décadas de 1980 e 1990. Esses Estudos sobre Gênero na Educação Física ainda estão em construção, e muitos deles apresentam equívocos de ordem epistemológica, analítica, conceitual e política, não retratando a produção acadêmica da área, e nem se referindo ao gênero como construto social, cultural, histórico e relacional (DEVIDE et al. 2011).

Segundo Devidé et al. (2011), e outros autores (LUZ JÚNIOR, 2003; DEVIDE, 2005) apontaram alguns desses equívocos, como: equívoco de descrição dos termos “gênero” e “sexo”, sendo o termo “gênero” utilizado como sinônimo do termo “sexo” dos sujeitos estudados”, apresentando diferenças entre homens e mulheres, sem considerar as questões de gênero; O uso dos termos “identidade de gênero” e

“identidade sexual”, que tem sido apresentado como sinônimos, contribuindo para origem de preconceitos, como exemplo, uma mulher esportista, ao participar de uma modalidade relacionada a identidade de gênero masculina, como o futebol, ela assumisse uma identidade sexual homossexual; A redução dos estudos de gêneros aos estereótipos e papéis sexuais; e a confusão entre “estudo sobre mulheres” e “estudos de gênero”, que esses estudos sobre mulheres têm utilizado o termo gênero, sem utilizarem a teoria de gênero como referencial para análise dos dados, contribuindo para reforçar a representação de que estudar gênero é estudar mulheres, contribuindo para a escassez de pesquisas que investiguem as questões relacionadas aos homens na Educação Física, Desporto e Lazer.

Os temas relacionados a sexualidade e gênero são importantes e necessários para o trabalho dentro das escolas, em especial, na Educação Física. Almeja-se que, por seu intermédio, (as)os estudantes possam perceber que seus valores, discursos e posturas são social e culturalmente construídos. As aulas de Educação Física podem ser um importante espaço para auxiliar na desconstrução de estereótipos ou práticas que favorecem a segregação de meninos e meninas, ocasionando desigualdades de gênero e sexualidades (SABATEL et al. 20116)

4.2 Professores de Educação Física x Sexualidade e Gênero.

No âmbito escolar, é muito comum ouvirem relatos dos professores de Educação Física acerca do despreparo para com o trato pedagógico em relação ao tema sobre gênero e sexualidade na escola. Por mais que passem anos, e que a sociedade evolua, ainda vivemos em um país que tem bastante vestígios de uma cultura machista. Logo, essa cultura ainda se faz presente nas aulas de Educação Física, principalmente nas aulas práticas, onde vemos a separação entre meninas e meninos de acordo com cada modalidade esportiva. Ademais, é sabido que, é o adulto que impõe às crianças a “como brincar”, “de que brincar”, e “com o que” elas podem e devem brincar, resultando assim, nas intervenções que observamos na nossa realidade cotidiana. Por exemplo: boneca e flores são utilizadas quase que exclusivamente pelas meninas; já, soldadinhos, automóveis, jogos de botão, bolas de futebol, são reservados para os meninos. É possível observar essa separação nas escolas desde o ensino fundamental. (SARAIVA,2005).

Desde o seu nascimento, tanto meninas e meninos são programados(as) a assumir posturas “adequadas” para seu respectivo gênero, e durante as aulas de Educação Física não é possível observar um caminho diferente. Por exemplo, muitos dos esportes praticados relacionados a movimentos delicados, calmos e sem contato, como a ginástica, a dança, e o vôlei, são praticados por meninas; já as atividades em que demandam mais agilidade, rapidez e força, estão relacionados aos meninos.

Sendo assim, essas concepções onde há a separação de turmas em que se dão pelas diferenças biológicas, advindas da década de 80, demonstram-se bastante retrógradas, pois elas acreditam que as diferenças nas capacidades físicas e habilidades corporais, são motivos para essa separação das aulas entre meninos e meninas, além de suas condições sociais. Por tanto, baseado nessas diferenças, era possível determinar quais atividades seriam direcionadas para os meninos e meninas, e quais deveriam ser estimuladas para cada gênero (VAZ,2005).

Segundo Monteiro e Ribeiro (2020), A BNCC é atualmente o documento normativo que origina o conjunto de aprendizagens primordiais, que entre elas, faz citação a sexualidade. Em 2017, o Conselho Nacional de Educação aprovou esse documento para o Ensino Fundamental e no ano seguinte para o Ensino Médio. Em 1997, com a publicação dos PCNs, provocou perspectivas para se trabalhar temas como sexualidade e gênero nas escolas. Apesar disso, com o passar de mais de duas décadas, o que se percebe é o distanciamento do estudo destas temáticas”.

Para direcionar os educadores, é possível encontrar no décimo volume do PCN, três eixos referentes a Orientação sexual, onde é proposto que a sexualidade e gênero não devem ser abordadas apenas nas aulas de Ciências, mas sim, também, pelas demais disciplinas. São eles: 1) “Corpo: Matriz da sexualidade”; 2) “Relações de gênero”; 3) e “Prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis /AIDS”. Dessa maneira, encontramos dentro do primeiro eixo “Corpo: Matriz da sexualidade” como a Educação Física pode utilizar-se do corpo para a compreensão de como a sexualidade pode se manifestar de forma prazerosa (dança, exercícios físicos, teatro, jogos) (ASSIS; SOUZA; BARBOSA, 2021).

Em contrapartida, Salla e Quintana (2002), puderam identificar em pesquisas relacionadas a sexualidade, que a maioria dos professores(as) tem uma visão

bastante limitada em relação a compreensão do tema, resumindo-o apenas ao sexo genital, anatomia e reprodução, e que devem ser tratadas exclusivamente pelos professores de Ciências Biológicas.

Oliveira (2007) e Heilborn et al. (2009) também chegaram à conclusão de que os(as) professores(as) deixam de lado essas questões, pelo risco de entrar em valores e condutas alheias, já que o tema vai de encontro à intimidade. Além disso, muitas vezes os familiares dos estudantes não aceitam que esse assunto seja abordado. Além do mais, Salla e Quintana (2002), ressaltam que a maioria dos educadores carecem de uma formação que contribua com maiores conhecimentos sobre o tema e uma maior dedicação para manter-se atualizados.

Apesar dos PCNs servirem como base inicial para diálogos e desenvolvimento de projetos educativos para escola, ainda é possível observar que dentro das aulas de educação física, ações que reforçam as diferenças, como por exemplo, as aulas separadas por sexo (meninos e meninas), e atividades esportivas seguindo a mesma proposta (dança para as meninas e futebol para meninos). Sendo as aulas de Educação Física revelam como um marcador de estereótipos de gênero (VASCONCELOS; FERREIRA, 2020).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos constatar através dos estudos existentes na literatura sobre a sexualidade e gênero nas aulas de educação física escolar, que a maioria dos(as) professores(as) não desenvolvem ações pedagógicas no sentido de problematizar a sexualidade e o gênero, mesmo existindo políticas educacionais que indiquem e orientem a atividade docente para debaterem essas questões.

Também conseguimos observar que as causas desses(as) professores(as) não problematizarem essa temática podem ter origem na construção social, cultural, e na formação acadêmica.

Portanto, acreditamos que é necessário examinar essas práticas de (hétero)normalização do gênero e da sexualidade nas aulas de Educação Física,

para que possa auxiliar na desconstrução de estereótipos ou práticas que favoreçam a segregação de meninos e meninas, ocasionando desigualdades de gênero e sexualidades.

Logo, os professores (as) devem diversificar o repertório, pedagogicamente falando, trazer aulas mais inclusivas, o professor (a) também deve ter em mente que é necessário selecionar experiências pedagógicas adequadas e diversificadas para o tratamento das práticas corporais. É importante trazer debates sobre gênero e sexualidade. É fundamental que os discursos que estigmatizam as pessoas sejam problematizados e as condutas segregacionistas, combatidas.

REFERÊNCIAS

BETTI, M.; ZULIANE, L. R. Educação Física Escolar: Uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, Bauru**, v. 1, n. 1, p. 73-81, jul. 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018)

CAMARGO, S. A. P.; SAMPAIO NETO, L. F. **Sexualidade e gênero**. Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba, [S.L.], v. 19, n. 4, p. 165-166, 29 jan. 2018. Portal de Revistas PUC SP

CORREIA, M. M. et al. O discurso da licenciatura em educação física sobre as questões de gênero na formação profissional em educação física. **SALUSVITA**, Bauru, v. 35, n. 1, p. 67-83, 2016.

DEVIDE, F. P. et al. Estudos de gênero na Educação Física Brasileira. Motriz. **Revista de Educação Física**. Unesp, [S.L.], v. 17, n. 1, p. 93-103, 20 nov. 2010.

DORNELLES, P. G.; FRAGA, A. B. AULA MISTA VERSUS AULA SEPARADA? UMA QUESTÃO DE GÊNERO RECORRENTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. **Revista Brasileira de Docência**, Ensino e Pesquisa em Educação Física, Sp, v. 1, n. 1, p. 141-156, ago. 2009.

FIRMINO, F. H.; PORCHAT, P. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero”. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 19, n. 1, p. 51–61, 2017.

FRANCO-ASSIS, G. A.; SOUZA, E. E. F.; BARBOSA, A. G. SEXUALIDADE NA ESCOLA: desafios e possibilidades para além dos pcns e da bncc / sexuality in school. **Brazilian Journal Of Development**, [S.L.], v. 7, n. 2, p. 13662-13680, 2021. Brazilian Journal of Development.

GOELLNER, S. V.; JAEGER, A. A.; FIGUEIRA, M. L. M. A educação dos corpos, das sexualidades e dos gêneros no espaço da Educação Física escolar. In: Paula Regina Costa Ribeiro; Fabiane Ferreira da Silva; Joana Lira Magalhães; Raquel Pereira Quadrado. (Org.). Educação e sexualidade: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, preconceitos, homofobia. 1 ed. Rio Grande: **Editora da FURG**, 2008, v. 1, p. 67-75.

GUEDES, M. E. F. **Gênero, o que é isso?** Psicologia: Ciência e Profissão, [S.L.], v. 15, n. 1-3, p. 4-11, 1995.

HEILBORN, M.L.; CARRARA, S.; CABRAL, C. Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Rio de Janeiro: CEPESC, 2009. 98p. 2 v.

LINS, B. A.; MACHADO, B. F.; ESCOURA, M. Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola. São Paulo: **Editora Reviravolta**, 2016.

MONTEIRO, S.A.S.; RIBEIRO, P.R.M. Sexualidade e Gênero na atual BNCC: possibilidades e limites. Pesquisa e Ensino, v.1, e202011, p. 1-24, 2020.

PALMA, Y. A. et al. Parâmetros curriculares nacionais: um estudo sobre orientação sexual, gênero e escola no Brasil. Temas em Psicologia, [S.L.], v. 23, n. 3, p. 727-738, fev. 2015. **Associação Brasileira de Psicologia**.

PIZZANI, L.; SILVA, R. C. da; BELLO, S. F.; HAYASHI, M. C. P. I. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, SP, v. 10, n. 2, p. 53–66, 2012. DOI:10.20396/rdbci.v10i1.1896. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>. Acesso em: 26 jun. 2021

PRADO, B. M. B. Educação física escolar: um novo olhar. **Revista de Educação do Ideau**, Getúlio Vargas, v. 10, n. 21, p. 1-13, jul. 2015. Semestral.

PRADO, V. M.; RIBEIRO, A. I. M. Gêneros, sexualidades e Educação Física escolar: um início de conversa. Motriz, Rio Claro, v. 16, n. 2, p. 402-413, abr. 2010.

SABATEL, G. M. G. et al. GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: um balanço da produção de artigos científicos no período entre 2004-2014 nas bases do Lilacs e Scielo. **Pensar A Prática**, [S.L.], v. 19, n. 1, p. 196-208, 31 mar. 2016. Universidade Federal de Goiás.

SALLA, L.F.; QUINTANA, A.M. A sexualidade enquanto tema transversal: educadores e suas representações. *Revista Educação Especial*, n. 19, p. 1-6, 2002.

SARAIVA, M. C. Coeducação física e esportes: quando a diferença é mito. Ijuí: 2ª ed. UNIJUÍ, 2005;

OLIVEIRA, L. S. Representação de sexualidade que orienta práticas educativas no Brasil desde o final do século XIX. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2007.

VASCONCELOS, C. M. T.; FERREIRA, L. A. A FORMAÇÃO DE FUTURAS PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: reflexões sobre gênero e sexualidade. **Educação em Revista**, [S.L.], v. 36, 2020.

VAZ, A. C. Futebol e representações de gênero: engendrando ações afirmativas e pedagógicas. In: SOUZA, Adalberto dos Santos. *Desafios para uma educação física crítica*. São Paulo: Cult, 2005.

